

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**Centro de Artes**

**Curso de Graduação em Teatro Licenciatura**



**Trabalho de Conclusão de Curso**

**DESCOBRINDO O TEATRO:  
A importância da extensão universitária na periferia**

**Tatiana Duarte Cuba**

Pelotas, 2024

**Tatiana Duarte Cuba**

**DESCOBRINDO O TEATRO:  
A importância da extensão universitária na periferia**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Teatro Licenciatura, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção de título de licenciada em Teatro.

Orientadora: Andrisa Kemel Zanella

Coorientadora: Vanessa Caldeira Leite

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

C962d Cuba, Tatiana Duarte

Descobrimo o teatro [recurso eletrônico] : a importância da extensão universitária na periferia / Tatiana Duarte Cuba ; Andrisa Kemel Zanella, orientadora ; Vanessa Caldeira Leite, coorientadora. — Pelotas, 2024.  
49 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Teatro , Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Teatro. 2. Extensão universitária. 3. Docência. I. Zanella, Andrisa Kemel, orient. II. Leite, Vanessa Caldeira, coorient. III. Título.

CDD 792

Tatiana Duarte Cuba

**DESCOBRINDO O TEATRO:  
A importância da extensão universitária na periferia**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Teatro, pela Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 15/10/24

Banca examinadora:

Prof(a). Dr(a) Andrisa Kemel Zanella (Orientadora)  
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Caldeira Leite (Coorientadora)  
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelota

Prof<sup>a</sup>. Maria Fernanda Botelho  
Graduada no Curso de Artes - Licenciatura, pela Universidade Federal de Pelotas

Prof<sup>o</sup>. Dr. Thiago Pirajira Conceição  
Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho a minha querida avó,  
Marina, que em vida me ensinou a ser a  
mulher que sou hoje.

## **Agradecimentos**

Primeiramente quero agradecer à minha mãe, Neusa Maria Borges Duarte, por sempre me apoiar e trabalhar duro para que eu nunca abandonasse os estudos.

Agradeço também aos meus amigos e especialmente Andreza Mattos, Alisson Mattos, Amanda Mariano, Everton Lima, Ingrid Duarte e Sandra Brito por sempre me escutarem e me apoiarem durante esta jornada tão intensa. Obrigada pelas conversas e conselhos.

Deixo aqui minha eterna gratidão ao “Quilombo das artes” e a todos os envolvidos na construção desde projeto, obrigada por me apresentarem o teatro.

Agradeço especialmente a minha querida amiga irmã, Andreza Mattos, por ser minha companheira neste período acadêmico e por ter me apoiado a cada momento difícil. E a minha psicóloga e amiga Luana Costa por ter me dado o suporte necessário com suas palavras acolhedoras e seus conselhos valiosos toda a vez que pensei em desistir. Mil vezes obrigada.

Agradeço a Universidade Federal de Pelotas, especificamente ao Centro de Artes, por ter me dado a oportunidade de conhecer e fazer amizades com pessoas incríveis. E para finalizar, agradeço também às minhas orientadoras Andrisa Kemel Zanella, Fabiane Tejada da Silveira e Vanessa Caldeira Leite por terem sido além de professoras, minhas amigas, compreensivas e sensíveis durante esta reta final do curso.

*Eu não escrevo pra incendiar casas,  
mas pra acender faíscas  
aos olhos de quem me lê.  
(Mel Duarte)*

## Resumo

CUBA, Tatiana Duarte. **Descobrimo o Teatro:** a importância da extensão universitária na periferia. Orientadora: Andrisa Kemel Zanella. 2024. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Teatro - Licenciatura), Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Esta pesquisa, resultado de um trabalho de conclusão do Curso de Teatro Licenciatura, propõe uma reflexão sobre a importância dos projetos de extensão da Universidade Federal de Pelotas nos bairros de periferia assim como a importância da inserção da linguagem teatral na rede pública de ensino. De caráter autobiográfico, a escrita deste trabalho percorre por memórias da infância até a vida adulta de uma jovem estudante e moradora do bairro Navegantes da cidade Pelotas que, através das aulas de teatro oferecidas na escola, segue para vida acadêmica e artística na área das artes cênicas. O foco central da pesquisa é mostrar o quanto a extensão universitária contribui no currículo e formação das instituições de ensino, assim como pode ser um agente de transformação social para a comunidade em geral. Por fim, reflete sobre disseminação do conhecimento para além do mundo acadêmico e sobre a democratização do acesso a linguagem teatral.

**Palavras- chave:** Teatro; Extensão Universitária; Docência.



## Abstract

CUBA, Tatiana Duarte. **Discovering Theatre**: the importance of university extension in the periphery. Advisor: Andrisa Kemel Zanella. 2024. 43f. Final Paper (Theater - Degree), Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

This research, which is the result of a final paper for the Degree in Theatre, proposes a reflection on the importance of extension projects of the Federal University of Pelotas in the suburbs, as well as the importance of introducing theatrical language into the public education system. Autobiographical in nature, the writing of this work traverses the memories from childhood to adulthood of a young student and resident of the Navegantes neighborhood in the city of Pelotas who, through the theater classes offered at school, went on to an academic and artistic life in the performing arts. The central focus of the research is to show how much university extension contributes to the curriculum and training of educational institutions, as well as how it can be an agent of social transformation for the community in general. Finally, it reflects on the dissemination of knowledge beyond the academic world and the democratization of access to theatrical language.

**Keywords:** Theater; University Extension; Teaching.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do grupo de música “Com a Corda Toda” na Fenadoce de Pelotas .....	19
Figura 2 – Mostra de trabalhos no 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária na UFRGS em Porto Alegre. Peça “A Megera Indomada” .....	20
Figura 3 – Mostra de processo de “Eles não usam black-tie”, apresentada na Universidade Federal de Pelotas, no antigo tablado do curso de teatro.....	20
Figura 4 – Visita ao Museu Iberê Camargo em Porto Alegre.....	21
Figura 5 – Visita ao Parque da Redenção em Porto Alegre no Lago cenário do vídeo clipe da banda Fresno.....	22
Figura 6 – Parque da Redenção em Porto Alegre .....	23
Figura 7 - Passeio na UFRGS e encontro com o escritor Luís Fernando Verissimo no ano de 2014.....	24
Figura 8 – Bastidores da peça Super-Heróis apresentada no Teatro COP.....	25
Figura 9 – Primeiro ensaio fotográfico da Companhia Filhas de Tereza .....	29
Figura 10 – Apresentação do espetáculo “Tereza da Silva” na Biblioteca Pública Pelotense.....	29
Figura 11 – “Afrocina” na Escola Nossa Senhora dos Navegantes .....	30
Figura 12 – “Afrocina” na escola Nossa Senhora Dos Navegantes.....	30
Figura 13 – Registro das aulas do PIBID.....	34
Figura 14 – Registro das aulas do PIBID .....	34
Figura 15 – Registro das oficinas do projeto “Vivências Teatrais em escolas” .....	35
Figura 16 – Registro das oficinas do projeto “Vivências Teatrais em escolas” .....	35
Figura 17 – Registro das oficinas do projeto “Vivências Teatrais em escolas” .....	36
Figura 18 – Registro do passeio feito na Cidade de Pedro Osório com o projeto “Vivências Teatrais em escolas” .....	37
Figura 19 – Registro da última oficina do ano do “Vivências Teatrais em escolas” .....	37

## SUMÁRIO

<b>1. O QUE ME FEZ CHEGAR ATÉ AQUI</b>	<b>12</b>
<b>2. AFINAL, O QUE É A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA?</b>	<b>15</b>
<b>3. A MENINA QUE DESCOBRIU O TEATRO</b>	<b>18</b>
<b>3.1 A primeira experiência com o ensino do Teatro</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Companhia Filhas de Tereza</b>	<b>27</b>
<b>4. A UNIVERSIDADE E O REENCONTRO COM A EXTENSÃO</b>	<b>32</b>
<b>5. DA COMUNIDADE À UNIVERSIDADE - UMA HISTÓRIA MARCADA PELA EXTENSÃO</b>	<b>41</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>45</b>

## 1. O QUE ME FEZ CHEGAR ATÉ AQUI

Este texto tem como ponto de partida as minhas experiências na participação em projetos de extensão antes de ingressar na universidade e como acadêmica do Curso de Teatro Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Estes projetos caracterizam-se por ações extensionistas da universidade pública e tem como objetivo o compartilhamento de pesquisas e conhecimentos produzidos dentro da UFPel com a sociedade, facilitando o acesso ao conhecimento para as pessoas que não pertencem ao meio acadêmico. Segundo o Artigo 7º da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018:

São consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante, nos termos desta Resolução, e conforme normas institucionais próprias (Brasil, 2018, p. 2).

Na perspectiva extensionista, os sujeitos “produtores” de conhecimento acadêmico, vão escutando e aprendendo com a sociedade para dar sentido à produção destes novos conhecimentos oriundos da relação Universidade e sociedade. Neste contexto desenvolve-se minha escrita de caráter autobiográfico.

A partir do relato de minha trajetória, de menina de teatro participante de um projeto de extensão no bairro bairro periférico Navegantes, de estudante de graduação em formação para ser professora de teatro e de bolsista de extensão, busco analisar como a prática extensionista teatral repercute e contribui com crianças e adolescentes e com a formação da futura professora de teatro.

Reafirmo que esta pesquisa é bastante significativa para mim, pois foi a partir destas vivências de menina participante de oficinas de teatro na escola que quero refletir sobre a importância da extensão universitária na implementação do ensino de teatro nas escolas da rede pública, ou seja, uma ação da universidade que extrapola seus muros e leva o conhecimento e prática acadêmica para outros espaços da sociedade.

Acredito, que os projetos de extensão que a universidade pública oferece tem o poder de transformar a vida de crianças e adolescentes através de suas ações fora

da academia. É no contato com estes projetos que muitos jovens começam a ter uma outra perspectiva de vida e muitas vezes é através desta aproximação com a universidade que outras formas de pensamento começam a surgir. Percebo também que através das ações de extensão, nós professores em formação, temos a oportunidade de ter contato com diferentes realidades. Por meio de projetos temos a oportunidade de nos tornarmos seres humanos melhores através do contato com diferentes culturas, costumes, rotinas, diversas histórias.

Até a metade da graduação, eu ainda estava em dúvida sobre o tema do meu trabalho de conclusão de curso, mas já sabia que queria falar sobre Educação. Neste período, eu já participava do projeto “Vivências Teatrais em Escolas”<sup>1</sup>. Como eu era bolsista, escrevi um artigo para a SIIPE (Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão<sup>2</sup>) sobre o projeto. Mas não foi só isto, durante a escrita senti vontade de relatar a minha experiência enquanto ministrante de oficina de teatro, mas também o meu olhar como uma participante de um projeto de extensão. E foi através da escrita deste artigo que descobri o tema desta pesquisa. Ali foi o momento que eu senti que precisava relatar a minha experiência com a extensão e de como ela transformou minha vida através das oficinas de teatro, incentivando-me a entrar na universidade.

A metodologia deste trabalho é de caráter autobiográfico, a partir da ideia de Escrivivência<sup>3</sup>. O termo Escrivivência foi criado pela escritora Conceição Evaristo para nomear a escrita de si de pessoas pretas, principalmente mulheres. O termo surgiu de um jogo com as palavras “escrever” e “viver”, “se ver”, feito pela escritora. Invisto na narrativa de minha trajetória acadêmica, inspirada por experiências vividas na extensão universitária, como caminho à produção de conhecimento sobre a importância do ensino da linguagem teatral. Como referências norteadoras para este trabalho, trago as autoras Christine Delory-Momberger (2014) e Conceição Evaristo (2020) para me ajudar a refletir sobre como a escrita de si é um importante objeto de

---

<sup>1</sup> O projeto “Vivências Teatrais em Escolas” é um projeto de extensão, coordenado pelas professoras Vanessa Caldeira Leite e Andrisa Kemel Zanella. Desde 2017, é vinculado ao Curso de Teatro-Licenciatura (CA/UFPel) e tem por objetivo levar as práticas teatrais para as escolas da rede pública de ensino através de oficinas.

<sup>2</sup> Título: “Projetos de extensão: de que forma podem transformar o ensino público?” Autoria: Tatiana Duarte Cuba; Andrisa Kemel Zanella; Vanessa Caldeira Leite. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2022/12/2022EDUCACAO.pdf>

<sup>3</sup> O termo Escrivivência foi criado pela escritora Conceição Evaristo para nomear a escrita si de pessoas pretas, principalmente mulheres. O termo surgiu de um jogo com as palavras “escrever” e “viver”, “se ver”, feito pela escritora.

pesquisa e como as nossas próprias narrativas de vida podem se estruturar em importantes fatos históricos e se disseminar no mundo como referência, principalmente para o mundo acadêmico.

Através desta Escrivivência relato passagens da minha vida na qual acredito ser importante serem lembradas, pois através de minhas memórias de menina praticante de teatro e acadêmica ministrante de oficinas em um projeto de extensão, foi que construí o percurso deste trabalho. Refletindo juntamente com as autoras, penso que esta pesquisa se torna importante, pois a escrita de si é um universo que acolhe e reconhece a nossa própria narrativa e de outras pessoas envolvidas nela. E por acreditar que através da escrita de si é que podemos nos apropriar e perceber a nossa autobiografia como potente objeto de estudo.

A Escrivivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si (Evaristo, 2020, p.35).

A escrita deste trabalho inspira-se neste modelo de metodologia enfatizando a experiência vivida na extensão, desde a infância até a vida adulta na universidade. Neste sentido, percebo pela escrita de si a possibilidade de dar visibilidade para o que está vivo em mim, ou seja, as memórias do que foi vivido em conexão com o que vivo no momento presente. E é através da escrita da minha própria história que posso observar isto. Para Delory-Momberger (2014):

Jamais atingimos diretamente o vivido. Só temos acesso a ele pela mediação das histórias. Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso a nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da escrita de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias): de certo modo, só vivemos nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias. (Delory-Momberger, 2014, p. 34).

Com esta Escrivivência busco contar a minha trajetória com o teatro e mostrar o impacto positivo que a extensão universitária pode ter no cotidiano escolar, destacando o ensino da linguagem teatral como uma área a propiciar um futuro para crianças e jovens da periferia.

## 2. AFINAL, O QUE É A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA?

Antes de seguir narrando a minha história acredito ser importante problematizar como acontece a extensão universitária e porque ela é importante. A extensão é uma atividade que integra a matriz curricular dos cursos de ensino superior e podem ser classificadas como: projetos, oficinas, cursos, eventos entre outros, realizando sempre uma interlocução com outros espaços da sociedade.

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018, p.1).

É a partir desta interlocução com os demais setores como escolas, espaços de cultura, institutos etc., que a extensão vai proporcionar uma democratização ao acesso ao conhecimento, não permanecendo centralizado somente no meio acadêmico.

Pelas ações de extensão podemos ter contato com diferentes realidades que fazem parte da nossa sociedade, e é através deste contato que estes projetos constroem um diálogo com a comunidade fazendo com que o aprendizado do discente se torne multidisciplinar. A Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, citada anteriormente, estabelece algumas diretrizes para a extensão no Educação Superior brasileira que devem ser cumpridas. Uma delas é a obrigatoriedade da presença de 10% do total da carga horária na matriz curricular dos cursos. “A interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social” (Brasil, 2018, p.1), nos dá uma pequena noção do que é e de como acontece o diálogo entre comunidade e universidade e de como isso pode impactar a nossa formação.

Com isso, é importante que as instituições promovam iniciativas que incluam a comunidade e que demonstrem ter um compromisso social nas diferentes diversas

áreas. As atividades externas que a extensão desenvolve, contribuem para que o estudante de graduação tenha uma formação mais completa. Todas as ações extensionistas devem conter proposta, desenvolvimento e conclusão e devem ser registradas, documentadas e constantemente avaliadas, analisando sempre como está sendo a qualificação profissional.

Em relação à uma formação discente mais completa, penso na extensão como uma importante experiência quando estamos em uma graduação de licenciatura. Por permitir o contato com a sociedade e por estimular um aprendizado multidisciplinar, cultural e político, repercutindo em novos saberes e vivência de diversos desafios que sempre aparecem na profissão.

Neste sentido, a extensão universitária propicia o desenvolvimento de um olhar mais crítico, bem como problematiza questões sociais através da interação com a comunidade. É através desta troca de conhecimento entre instituição e sociedade que o discente vai ampliando seu repertório e amadurecendo.

Refletindo sobre a educação teatral, os projetos de extensão que enfatizam oficinas, cursos, aulas com essa temática, para muitas crianças e jovens é uma grande oportunidade de conhecer e se aproximar mais desta prática. E para quem vai ministrar estas atividades, no caso o professor em formação, através destes projetos, pode ser uma grande escola também. Abaixo trago uma reflexão sobre isso

Sobretudo, é importante na atitude do artista educador atentar para as possíveis armadilhas de condução dentro de cada situação de ensino, pois existe sempre o risco de padrões verticais de relações entre educador e educando se manifestarem nas relações, muitas vezes de forma não tão clara, especialmente em ações extensionistas. Por conseguinte, ações de ensino de teatro na extensão devem contemplar o exame dos relacionamentos sociais, elemento indispensável para emancipação de qualquer comunidade ou grupo social" (Silva 2021, p.178).

Na prática extensionista, é através deste contato social que a transformação acontece. Na horizontalidade das relações é que vai se construindo o respeito e o diálogo, assim como acontece em grande parte das aulas de teatro.

As instituições de ensino podem fazer uma conexão com outras instituições para que estes projetos de extensão dialoguem e se mobilizem em prol de uma expansão maior de seus saberes. Este é o papel da extensão, o contato diário com a comunidade externa que vamos aprendendo cada dia mais. E para nós, estudantes de teatro, acredito que quando saímos da nossa zona de conforto e levamos a nossa prática para outros lugares nos tornamos mais confiantes.



Por meio da extensão podemos construir diálogos, mais abertos e mais construtivos, pois aos poucos na prática e por meio dela, vamos amadurecendo e enxergamos o mundo como ele realmente é. E a partir disso vamos construindo práticas educacionais mais livres e conectadas com a realidade, e vamos entendendo como o mundo e a profissão que escolhemos funcionam. A extensão pode promover práticas transformadoras, sendo o teatro um caminho para isto acontecer.

Entretanto, podemos afirmar que a extensão tem um papel fundamental em nossa formação. Ela vai nos conduzir às descobertas e sensações que, por muitas vezes, não experimentamos no meio acadêmico, através do contato e atuação com a comunidade externa, em diálogo com a pesquisa, a extensão e o ensino, vamos descobrindo diferentes modos de ser da profissão e que tipo de profissional estamos nos tornando e como acontece a prática. A participação em projetos de extensão nos fornece uma base e nos preparam para entrar na sala de aula, nos dá experiência e nos faz questionar sobre a profissão que escolhemos, se estamos fazendo a coisa certa ou não.

Para mim, ter tido contato com a prática docente através destes projetos foi fundamental para que eu refletisse sobre minhas atitudes comoicineira e fez amadurecer meu olhar sobre a prática teatral, como adaptar, transformar uma aula ou escutar os alunos para ver qual é real necessidade da turma naquele momento. Eu descobri isto na prática, fazendo. E acredito que este é um dos principais benefícios da extensão universitária, nos preparar para o que está por vir.

### **3. A MENINA QUE DESCOBRIU O TEATRO**

Quando criança vivia na cidade de Pelotas/RS no bairro periférico da cidade que se chama Navegantes. Ali tive a oportunidade de participar de um projeto de extensão que tinha na minha escola. Foi neste projeto, que descobri que gostava de teatro, conhecendo sobre esta linguagem artística, sendo fundamental no incentivo a seguir meus estudos e a ingressar na universidade.

O projeto chamava-se “Quilombo das Artes”, projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pelos professores Paulo Gaiger (professor do curso de Teatro) e Eleonora Santos (professora do curso de Dança). Teve seu início no ano de 2010 e seu encerramento em 2014 por falta de voluntários, pois a grande maioria dosicineiros formaram-se. Com bolsistas e voluntários as ações do projeto aconteciam no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) no contraturno das aulas e na E.E.E.F. Nossa Senhora dos Navegantes, no bairro Navegantes II, na cidade de Pelotas/RS. O projeto formou grupos de teatro, música (figura 1), dança e gênero. Este grupo de gênero era realizado com mulheres moradoras do bairro e as conversas eram sobre violência doméstica, caracterizando-se também como um grupo de apoio.

No âmbito do projeto aconteciam oficinas na frequência de uma a duas vezes na semana ministrada pelos estudantes dos cursos de Teatro, Dança e Música ambos os cursos de Licenciatura da UFPel. Também tínhamos além das oficinas, palestras e rodas de conversa com os alunos, mães e pais sobre os mais variados assuntos, como educação sexual, sobre a importância do projeto para a comunidade e para as crianças. As rodas de conversa eram muito livres, um espaço de trocas e aprendizagens, momento em que os pais e as mães colocavam suas opiniões.

Figura 1 – Apresentação do grupo de música “Com a Corda Toda” na Fenadoce de Pelotas no ano de 2014.



Fonte: Arquivo pessoal

Eu nunca tinha feito algo parecido com teatro, também nunca tinha assistido a nenhum espetáculo. A única referência que tinha eram as novelas que assistia com a minha família. Entrei em um universo totalmente novo. Sempre fui muito tímida e até hoje não sei exatamente por que escolhi algo que me expõe totalmente. Ainda lembro do dia em que disse para a minha mãe que queria fazer algo diferente. Eu tinha 12 anos, estava na 5<sup>o</sup> série e entediada com a minha rotina, pois eu estudava de manhã e à tarde eu ficava em casa com minha irmã sem fazer quase nada.

Também lembro da sensação de estranhamento quando fiz minha primeira oficina. Pessoas dançando, pulando, gritando sem nenhuma preocupação, para mim que sempre fui tímida, aquele momento foi assustador, mas depois fui entendendo que não havia nada de errado, eram só pessoas se expressando. No início foi difícil me adaptar à metodologia das aulas, eu estava totalmente acostumada a passar a manhã inteira sentada escrevendo e nas aulas de teatro havia interação e conversa, o que para mim era uma novidade. As oficinas aconteciam no período da tarde, no horário inverso das minhas aulas, por isso conseguia participar. Variavam de uma a duas vezes por semana, sempre ministrada por um ou dois estudantes.

O projeto também era dividido em grupos, no CRAS tinha um grupo, na escola outro. Cada instituição tinha dois ou mais grupos, já que a quantidade de participantes variava com o passar do tempo. Nós sempre tentávamos ensaiar algum espetáculo ou montar algo de nosso interesse, não era obrigatório, mas o grupo que quisesse poderia criar para apresentar. Cada criação que saía dos encontros, apresentávamos

no bairro para que os moradores da comunidade tivessem acesso ao que estávamos produzindo e também para mostrar que estavam acontecendo atividades artísticas no bairro e que todos podiam participar.

Apresentávamos também em eventos da universidade e fora dela para mostrar o trabalho que os acadêmicos estavam realizando com o projeto de extensão, mostrar a importância dessas ações (Figuras 2 e 3). Neste momento eu tive meu primeiro contato com a universidade. Essa era a parte que mais gostava, pois eu podia ter contato com os cursos de artes, ver espetáculos, conhecer instrumentos, artistas.

Figura 2 – Mostra de trabalhos no 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária na UFRGS em Porto Alegre. Peça “A Megera Indomada” no ano de 2011.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3 – Mostra de processo de “Eles não usam black-tie”, apresentada na Universidade Federal de Pelotas, no antigo tablado do curso de teatro, ano de 2013.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Os ministrantes das oficinas também conversavam muito com a gente, sempre perguntavam como estávamos nos sentindo e se as aulas estavam nos agradando. Eu sempre estranhava este comportamento deles, pois os professores da minha escola nunca perguntavam como estávamos, não se sentavam para conversar e nos escutar, sempre foi uma relação bem distante.

Nos encontros do projeto eu me sentia muito livre para conversar com os colegas e professores sobre algo que tinha gostado ou sobre algo que aconteceu e que não me agradou. Sempre nos finais das aulas tínhamos o momento de conversar sobre como foram as atividades e escrevíamos nos memoriais<sup>4</sup>, como nos sentimos naquele dia. Este era o momento em que mais me soltava, por ser muito tímida eu tinha muita vergonha de falar, mas escrever não.

Lembro de um final de ano em que o projeto foi convidado pela Secretaria Estadual da Cultura para conhecer alguns pontos turísticos em Porto Alegre e um deles foi o Museu Iberê Camargo (Figura 4). Foi um dos primeiros museus que entrei na minha vida, lembro como era grande e as obras detalhadamente perfeitas, tinham exposições interativas e de diversos tamanhos. A qualidade era impecável! Eu fiquei impressionada, pois estava mais acostumada a ver obras de arte pela televisão. Havia um mediador que conduzia a gente e nos explicava como tudo funcionava lá dentro.

Figura 4 – Visita ao Museu Iberê Camargo em Porto Alegre no ano de 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

---

<sup>4</sup> Os memoriais eram os relatos que fazíamos em cada final de oficina. Cada aluno tinha que entregar por escrito como tinha sido a aula para si e como tinha se sentido naquele dia. Também podíamos colocar nossas impressões sobre as aulas e o que poderia melhorar.

Eu sempre adorei as viagens do “Quilombo”. Os coordenadores encontravam uma maneira de conseguir patrocinadores e apoiadores para que em todas as viagens pudéssemos ter alimentação, o que a me ajudava e muito, pois minha mãe não tinha dinheiro para que eu pudesse levar um banquete. Foi através do projeto que, pela primeira vez, saí da cidade de Pelotas. Porto Alegre parecia outro mundo, a cidade era muito grande e cheias de prédios, enormes por sinal, praças e avenidas gigantescas, aquilo tudo parecia um filme.

Uma outra visita que me marcou muito foi conhecer o parque da Redenção (Figura 5 e 6). Era muito lindo! Eu e meus colegas ficamos encantados, pois era muito grande e tinha lagos, monumentos, jardins enormes. Durante o passeio e conversando com meus colegas descobrimos que ali naquele lugar tinha sido cenário para um vídeo clipe de uma banda que a gente gostava muito na época (banda Fresno). Quando descobrimos ficamos chocados porque estávamos praticamente no vídeo clipe da nossa banda favorita.

Figura 5 – Visita ao Parque da Redenção em Porto Alegre no Lago cenário do vídeo clipe da banda Fresno, no ano de 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 – Parque da Redenção em Porto Alegre no ano de 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

As viagens para a capital foram muitas e, conforme o tempo foi passando, eu e meus colegas nos tornamos mais maduros e a relação com os nossos professores também foi amadurecendo, tanto que em alguns passeios nós e eles viajavamos tranquilamente como amigos, sem necessariamente eles terem que incorporar uma postura de professor ou de autoritarismo. Essas atitudes apareciam somente quando era preciso, por exemplo, quando surgia alguma briga entre meus colegas. Fora isto, estávamos construindo uma amizade e uma relação saudável. Recordando estes momentos, lembrei também de uma citação de Freire (1997) que acredito que traduz um pouco essa minha memória.

É preciso insistir: este saber necessário ao professor que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido (Freire, 1997, p.47).

Muitas dos nossos passeios recebiam apoio do SESC, e estas viagens fizeram com que eu tivesse contado com diferentes linguagens artísticas e conhecer outros artistas (Figura 7). Conhecer o meio artístico fora da universidade e região de Pelotas me fez enxergar o quanto a área do teatro é imensa e cheia de vertentes.

Figura 7 - Passeio na UFRGS e encontro com o escritor Luís Fernando Veríssimo no ano de 2014.



Fonte: Arquivo Pessoal

Durante um período, o projeto, com apoio do SESC, realizou a mostra “Navegando em Cena” e “Navegando em Shakespeare” que aconteciam anualmente no antigo Teatro do COP<sup>5</sup> (Círculo Operário Pelotense), localizado no centro de Pelotas. No início do projeto apresentávamos nossos processos de criação ou alguma peça já finalizada neste teatro, a entrada era gratuita para toda comunidade Pelotense e o teatro sempre lotava. Ao total foram cinco anos de apresentações, sendo distribuídas em outros locais da cidade também.

O teatro do COP foi o primeiro palco que eu me apresentei como atriz. O ano era 2010 e eu tinha 12 anos de idade, a peça se chamava “Super - Heróis” (Figura 8). Lembro também que o figurino era um vestido rosa com estampa floral e por baixo uma calça *legging* azul, peças que eram minhas mesmas. A minha personagem estava perdida em um mundo encantado quando de repente encontra uma pedra mágica que é capaz de destruir o grande vilão que morava pelas redondezas.

---

<sup>5</sup> Maiores informações sobre o Círculo Operário Pelotense acessar: <https://www.cop.org/>



Figura 8 – Bastidores da peça Super-Heróis apresentada no Teatro COP no ano de 2010.



Fonte: Arquivo pessoal

Ao me deparar com estes momentos e memórias, reflito a importância de narrar aquilo que vivi para que este exercício faça parte do meu aprendizado.

Desenhando e contando histórias de verdade e histórias de mentira posso me imaginar em diferentes situações e, explorando histórias teatralmente, posso refletir sobre elas. Esses elementos contribuem para estruturação interna das crianças e para a sua inserção crítica na realidade (POMPEO, 2008, p. 127).

Como dito acima, o universo teatral estimula a nossa imaginação e através do lúdico vamos aprendendo. Lembro de quando criança ser muito tímida e, com as aulas de teatro e as apresentações fui me desprendendo desta timidez. Lembro até hoje das primeiras sensações de estar em cena.

A sensação de pisar no palco pela primeira vez foi inesquecível. Ao menos para mim. Eu lembro da luz que era bem forte, do silêncio do público e do meu nervosismo em ter que falar na frente de muitas pessoas. Nesta primeira vez atuando, estava comigo em cena um dos meus amigos de infância, Wesley, que por coincidência também participava do “Quilombo”. Hoje quando me perguntam que profissão eu seguiria se não fosse artista/professora eu ainda não sei achar uma resposta exata, não sei se alguma outra profissão me proporcionaria todas estas sensações e experiências de uma forma mais livre como pude ter através do teatro.

Minha experiência com o “Quilombo das Artes” foi única e significativa, pois antes dele, jamais poderia imaginar que seguiria com o teatro. Eu era muito nova na época, não tinha muita dimensão de que um projeto poderia interferir na minha vida, mas percebo o quanto foi importante, pois eu nunca esqueci este período e,

principalmente, das aulas. O projeto impactou a minha trajetória como artista e agora como professora em formação. E acredito que essa experiência que passei anos atrás, de alguma forma, sempre irá voltar para me dizer o quanto o teatro é fundamental em nossas vidas.

As ações extensionistas promovem um diálogo entre dois grupos, o que permite que se conheça a necessidade real daquela comunidade, sendo assim possível a criação de ações efetivas para a diminuição da desigualdade social, acesso a arte, cultura e conhecimento científico, ao mesmo tempo que enriquece a universidade através do compartilhamento do conhecimento produzido do ensino e da pesquisa (Rocha, 2012, p. 2).

Considero que a extensão tem um papel fundamental e importante em nossa formação, pois nos leva a nos aproximar de outras realidades, ampliando nossa percepção da sociedade, propiciando conhecimentos advindos do meio social, que por muitas vezes não existem no meio acadêmico.

### **3.1 A primeira experiência com o ensino do Teatro**

Antes de ingressar na Universidade e trabalhar como ministrante nos projetos de extensão, trabalhei como voluntária na escola onde estudei, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes. Em 2017 por fazer parte do programa ESCOLA ABERTA<sup>6</sup>, onde eu ajudava os alunos dos anos iniciais com reforço escolar, fui convidada pela diretora da escola para ministrar oficinas de teatro aos sábados pela manhã. Este período foi um dos primeiros contatos que tive com a sala de aula. O projeto “Quilombo das Artes” já não existia mais. Naquele momento eu iria ensinar a partir das experiências que tive como aluna.

Quando comecei a dar oficinas neste programa, eu tinha ainda muita insegurança sobre como organizar as atividades e sempre tentava me inspirar nos professores de teatro que tive até então para me sentir mais segura. Era a minha

---

<sup>6</sup> O Programa Escola Aberta para a Cidadania possibilita a abertura da escola à comunidade aos finais de semana, desenvolvendo oficinas planejadas de acordo com as peculiaridades e necessidades das escolas públicas estaduais, priorizando o protagonismo juvenil, a integração da escola com as famílias dos alunos e a comunidade, e a redução da evasão escolar e dos índices de violência, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura para a paz. Acesso em: <https://educacao.rs.gov.br/escola-aberta-para-a-cidadania#:~:text=O%20Programa%20Escola%20Aberta%20para.fam%C3%ADlias%20dos%20alunos%20e%20a>

primeira vez ministrando aula, e sozinha. Ainda não sabia como montar um plano de aula, elaborar os objetivos, estava indo apenas com as minhas experiências pessoais.

Como as oficinas de teatro no programa ainda eram uma novidade, a turma era bem pequena, cerca de cinco alunos na faixa etária de 10/12 anos e todos estavam no ensino fundamental. Para mim que era iniciante foi bom e suficiente. Neste período não conseguimos montar nenhum esquete, mas eu sempre levava jogos teatrais que eu praticava no “Quilombo” para que eles pudessem descobrir e ter o contato com a prática teatral, pois muitos ainda não tinham tido a oportunidade de experienciar o teatro. Chegamos a estudar a possibilidade de apresentar o que eles tinham aprendido, porém, a turma ainda estava insegura em relação à uma possível apresentação. Com isso, resolvi deixar eles viverem o processo sem preocupação de exposição.

As oficinas duraram alguns meses, pois algum tempo depois os alunos não conseguiam ir mais nas oficinas. Alguns por conta de algum problema pessoal, por causa de trabalho, horários etc. Apesar da minha pouca experiência, acredito que este período foi o que me preparou para os anos seguintes. Eu não sabia muita coisa só estava ali querendo passar algumas das experiências que tive quando mais nova e estava recém conhecendo o mundo da docência.

### **3.2 Companhia Filhas de Tereza**

No projeto “Quilombo das Artes” acabei fazendo amizade com alguns professores e continuamos mantendo contato, mesmo após o encerramento das atividades. Assim como mantive e tenho até hoje contato com alguns colegas da época do projeto. Após um tempo, eu e mais uma amiga de projeto, Andreza, recebemos um convite de dois de nossos antigos professores, Ingrid e Everton, egressos do curso de Teatro, para montarmos uma companhia.

Ainda não sabíamos ao certo como íamos começar pois não tínhamos lugar para ensaiar semanalmente até que descobrimos o Instituto Mario Alves (IMA). Este espaço fica localizado no centro da cidade de Pelotas onde acontecem rodas de conversa, debates políticos e funciona como uma pequena loja. Conversamos com o responsável pelo lugar e acertamos que pagaríamos uma pequena quantia para ensaiar todos os finais de semana. E assim foi durante um tempo. Depois decidimos

que seria interessante ensaiar no bairro Navegantes na escola Nossa Senhora dos Navegantes, pois foi neste lugar que nos conhecemos. Conversamos com a diretora e ela nos concedeu o espaço aos finais de semana.

Quando começamos não sabíamos ao certo qual temática abordar ou qual texto estudar, até que se passou um tempo e percebemos que em todos os nossos encontros sempre vinha de algum de nós relatos de racismo que tinha passado durante a semana, pois o grupo era formado somente por pessoas pretas. Infelizmente isso passou a ser um incômodo para todos nós. Para Almeida (2018):

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ou a qual pertencem. (Almeida, 2018, p. 25).

Assim, em uma das nossas rodas de conversa, decidimos que deveríamos trabalhar com a temática do racismo e da valorização da cultura preta.

“Filhas de Tereza”, escolhemos este nome em homenagem à Tereza de Benguela,<sup>7</sup> que foi uma grande militante e ativista preta e líder de quilombo que lutou pela causa e liberdade dos pretos. Também porque Tereza significa “terra”. Então, por isso, filhas de Tereza. A partir da escolha da temática que iríamos trabalhar, montamos o espetáculo “Tereza da Silva” que aborda temas como racismo, machismo, misoginia, homofobia, e genocídio do povo preto (Figura 9 e 10).

---

<sup>7</sup> Tereza de Benguela foi líder do Quilombo Quariterê, localizado em Mato Grosso no Brasil. Passou a ser mais conhecida nacionalmente após a Lei 12.987 de 2 de junho de 2014, que instituiu o dia 25 de julho como dia internacional de Tereza de Benguela e da Mulher negra. Acesso em: <https://www.geledes.org.br/4-aprendizados-fundamentais-para-liderancas-a-partir-do-legado-de-tereza-de-benguela/>

Figura 9 – Primeiro ensaio fotográfico da Companhia Filhas de Tereza no ano de 2015.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10 – Apresentação do espetáculo “Tereza da Silva” na Biblioteca Pública Pelotense no ano de 2018.



Fonte: Arquivo Pessoal

O espetáculo tinha duração de uma hora e sempre apresentávamos em variados pontos da cidade conforme os convites iam chegando e através de editais da prefeitura da cidade de Pelotas. Em paralelo ao espetáculo tínhamos um projeto que se chamava “Afrocinas” com foco em mostrar e levar para as escolas um pouco da cultura afrobrasileira e partilhar nossa preparação enquanto atores. Portanto, ainda fora da universidade, através da Companhia, também pude ter meus primeiros contatos como ministrante de uma aula de teatro no ambiente escolar, uma experiência que contribui em pensar “o ser professora” ao longo dos anos de formação acadêmica.

Nas “Afrocinas” levávamos práticas da cultura afrobrasileira como toque do tambor, dança afro e capoeira. Neste período eu ministrava as “Afrocinas” (Figura 11 e 12) com os outros integrantes da companhia, o que me deixava mais segura.

Também por me familiarizar com o tema das atividades. Nesta fase eu já estava um pouco mais acostumada em estar na sala de aula. Era muito gratificante notar o interesse das pessoas em realizar as oficinas, principalmente as crianças. No início tínhamos um pouco de receio em entrar nas escolas com a temática afro por conta da discriminação e da possível não aceitação das coordenações das escolas e dos pais dos alunos. Mas acabou que tivemos um bom retorno.

Figura 11 – “Afrocina” na Escola Nossa Senhora dos Navegantes no ano de 2015.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12 – “Afrocina” na escola Nossa Senhora Dos Navegantes no ano de 2015.



Fonte: Arquivo pessoal.

Depois de um tempo seguimos somente com as “Afrocinas”, já não tínhamos mais tanto tempo para ensaiar devido a rotina de cada um e porque decidimos que seria melhor deixar este primeiro texto para ser apresentado de outra forma, de uma forma mais leve como leitura dramática, por exemplo. Devido à grande dedicação

física e principalmente psicológica que o espetáculo exigia, decidimos que esta seria a melhor decisão.

#### 4. A UNIVERSIDADE E O REENCONTRO COM A EXTENSÃO

No final de 2016 terminei o ensino médio já com o pensamento de realizar o ENEM (Exame nacional do Ensino Médio) para concorrer a uma vaga em uma universidade pública. Eram muitas opções de curso para escolher, ainda não sabia ao certo qual área queria seguir, apesar do teatro estar sempre invadindo os meus pensamentos. Então, saiu minha nota de corte e no início de 2017 resolvi me inscrever no curso de Letras/Português. Escolhi esse curso porque pensava assim: eu já faço teatro há tanto tempo quero conhecer novas áreas, outras profissões. Não preciso de um diploma em teatro para me considerar artista. E assim aconteceu.

No ano de 2017 entrei para o curso de Letras/Português na Universidade Federal de Pelotas. Eu tinha acabado de sair do ensino médio, estava entrando em um universo totalmente novo, não conhecia ninguém, tinha apenas um amigo que morava no mesmo bairro e que também estava ingressando junto comigo no mesmo curso. Era eu e meu amigo Alexander descobrindo o universo acadêmico. Lembro que na primeira semana eu achei as estruturas das aulas um tanto diferentes porque eram muitos textos para ler em pouco tempo e muita escrita também. Para mim que tinha acabado de sair da escola foi um pouco assustador.

O tempo foi passando e fui fazendo novas amizades, fui me adaptando ao modelo do curso, mas sempre sentia falta da prática, de mexer meu corpo. O que eu mais sentia dificuldade no curso de Letras era a gramática, minhas notas de Síntaxe eram muito baixas. Reprovei duas vezes nesta disciplina, o que já estava me deixando um pouco insegura em relação à minha permanência no curso.

No final de 2018 senti que não estava mais me identificando com o curso e comecei a sentir muita falta da prática teatral. Apesar de já estar trabalhando com a Companhia 'Fillhas de Tereza" nesta época, eu comecei a refletir sobre como e o que eu queria estudar, e qual caminho seguir na minha vida acadêmica. E que se fosse para passar quatro anos estudando, que fosse algo prazeroso para mim. Então decidi realizar o ENEM novamente e no início de 2019 ingressei no curso de Teatro Licenciatura.

E o grande momento chegou! Consegui o que eu tanto queria, entrei para o



Teatro. Quando comecei o curso, eu já conhecia algumas pessoas e até mesmo o campus. Eu estava feliz. Estava também muito curiosa porque não sabia como aconteciam as aulas, principalmente as aulas práticas.

Apesar de já estar envolvida com a prática teatral desde a época do “Quilombo das Artes”, eu era uma iniciante e não queria que minhas experiências anteriores se tornassem algo que me impedisse de conhecer ou reconhecer alguma atividade/exercício. É claro que ter tido contato com o teatro e a sala de aula antes de ingressar no curso foi fundamental e me preparou, mas sempre tentava de alguma forma aprender junto com a turma até porque eu poderia aprender algo que eu não conhecia.

Logo no primeiro semestre, em 2019, me inscrevi para participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID<sup>8</sup>) que era coordenado pelos professores Manuel Gildo Alves e Maria Fonseca Falkembach, ambos professores do curso de Dança da UFPel . Já conhecia o projeto pelos relatos de alguns colegas, mas estava curiosa para saber como funcionava na prática, e porque precisava de uma bolsa para seguir estudando. A escola que trabalhei foi a Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello, situada no bairro Fragata na cidade de Pelotas e tínhamos como supervisora a egressa do curso de Teatro Licenciatura Luana da Rosa Franz . Esse momento foi o meu primeiro contato com a escola como “professora iniciante” através de um projeto de ensino.

---

<sup>8</sup> O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira. O PIBID busca proporcionar a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica para os discentes dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior. Maiores informações: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid#:~:text=O%20Programa%20Institucional%20de%20Bolsa,e%20para%20a%20melhoria%20de>

Figura 13 – Registro das aulas do PIBID no ano de 2019.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 14 – Registro das aulas do PIBID no ano de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal

No início, eu estava bem nervosa pois, apesar de ter trabalhado nas escolas nos anos anteriores, eu não sabia como tudo ia acontecer e se os alunos iriam gostar das aulas. Tive colegas do curso de Dança que trabalharam junto comigo neste período, o que me proporcionou um grande aprendizado, pois não podia ministrar e planejar as aulas sozinhas, as decisões tinham que ser em coletivo.

Realizávamos reunião uma vez por semana para decidir qual seriam as melhores atividades a serem desenvolvidas na escola. Sempre buscávamos ter uma relação de cumplicidade durante as aulas, se algum colega estava com alguma dificuldade para mediar determinada atividade, como brigas e discussões da turma que às vezes aconteciam, sempre tínhamos que buscar alguma maneira de contornar esse tipo de situação juntos, nunca deixando o colega sozinho. A direção da escola sempre foi bem participativa e sempre nos recebeu com muito respeito. Na escola, além do PIBID Artes Cênicas, havia também PIBID de outras áreas como História por exemplo, assim como estagiários do Curso de Teatro.

No início de 2022, me candidatei para participar do projeto de extensão

“Vivências teatrais em escolas” e para a minha felicidade fui selecionada para trabalhar como bolsista. E depois de muitos anos eu estava voltando a ter contato com a extensão universitária, mas agora como professora. Este projeto era desenvolvido na cidade de Pedro Osório/RS na E.M.E.F Getúlio Vargas, tendo as professoras Vanessa Caldeira Leite e Andrisa Kemel Zanella na coordenação, e a professora de Artes da escola, Maria Fernanda Botelho no suporte das oficinas (Figura 15, 16 e 17).

Figura 15 – Registro das oficinas do projeto “Vivências Teatrais em escolas” no ano de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 16 – Registro das oficinas do projeto “Vivências Teatrais em escolas” no ano de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 17 – Registro das oficinas do projeto “Vivências Teatrais em escolas” no ano de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

As oficinas aconteciam uma vez na semana, na parte da tarde (Figura 18 e 19). Eram três ministrantes, eu, Catarina Rassier e Samira, que eram meus colegas de curso. Realizamos as atividades com os alunos do quinto ao nono ano do ensino fundamental, mas isto não era regra pois sempre havia alunos mais velhos presentes toda a semana chegando ao total de 25 alunos. As atividades aconteciam no turno inverso de suas aulas, à tarde, o que facilitava a presença da maioria. Participar deste projeto foi algo bem desafiador para mim, pois nunca tinha ministrado nenhuma aula de teatro através de projetos da universidade, fora da cidade de Pelotas e isso foi uma novidade.

Figura 18 – Registro do passeio feito na Cidade de Pedro Osório com o projeto “Vivências Teatrais em escolas” no ano de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19 – Registro da última oficina do ano de 2022 do “Vivências Teatrais em escolas”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Através do “Vivências teatrais em escolas” pude conhecer a cidade de Pedro Osório, seus costumes, tradições e o mais importante, pude durante este período descobrir aos poucos, que tipo de professora estou me tornando, quais as dificuldades e os medos de que ainda preciso vencer e observar o impacto significativo do ensino de teatro na escola pública. Também me fez enxergar quanto ser professora é uma das profissões mais bonitas e talvez a mais difícil, pois estamos ensinando várias pessoas ao mesmo tempo, e cada uma tem suas vivências, história, particularidade e

personalidade – não se pode ignorar isso. É um trabalho que precisa ser planejado e modificado a todo instante.

Durante esse processo me lembrava muito da época do Projeto ‘Quilombo das Artes’. Me via no olhar das crianças e no desejo delas de ter algo inovador na escola, algum projeto que pensasse além do conteúdo do currículo. Quando eu ministrava as oficinas com os meus colegas, sempre me lembrava que muitas das crianças que estavam ali participando das atividades poderiam estar se espelhando em mim, como eu fazia com os meus professores. E, que aquele projeto, para a grande maioria, era uma grande oportunidade de conhecer um mundo novo através do teatro. A partir daquele momento eu tinha uma grande responsabilidade nas mãos.

Conforme fui me acostumando com o grupo e com a dinâmica das oficinas, eu me lembrava o que meus professores, e agora amigos, Ingrid e Everton, sempre me falavam. Eles sempre comentavam comigo e com mais outros amigos de como era o processo de montagem das aulas do “Quilombo das Artes”, de como eles por muitas vezes não sabiam muito bem como resolver algumas questões difíceis que surgiam nos encontros. Depois que eu passei a sericineira no projeto “Vivências”, eu sempre me lembrava deles relatando e agora eu estava passando pela mesma situação. Passei a compreender o que diziam.

Quando me reencontrei com a extensão universitária através do “Vivências Teatrais”, comecei a refletir sobre que tipo de professora estou me tornando e que tipo de professora eu quero ser. O momento que mais refleti sobre esta questão foi o dia em que tive que ministrar a oficina sozinha, pois meus colegas não iam conseguir participar. Neste dia pude perceber e sentir, depois de muitos anos, a sensação de estar sozinha em sala de aula e de como é desafiador. A responsabilidade fica numa proporção bem maior. Depois que acabou este dia eu fiquei pensando sobre tudo o que tinha dito durante a tarde, se falei algo que magoou alguém, se tive alguma atitude preconceituosa etc. Eu sempre pensava sobre o meu comportamento, mas aquele dia foi diferente não sei explicar.

Quando escolhemos cursar licenciatura estamos escolhendo ensinar e ensinar não é uma tarefa fácil, exige estudo, dedicação e conhecimento da turma em que você vai ministrar suas aulas, para que possamos criar uma relação de trabalho mais prazerosa, que possa haver respeito e trocas de conhecimento. Creio que fica quase impossível ministrar uma aula de teatro se o professor não manter um diálogo aberto e seguro com os seus alunos, assim como a construção coletiva junto com turma.

Acredito também, que o teatro é um dos lugares mais abertos para demonstrar nossas fragilidades, lidar com as nossas emoções e sentimentos, nos expressarmos. O professor, a meu ver, deve sempre encontrar alguma forma de transformar a aula, de modo que os alunos se tornem mais autônomos e mais críticos, não só na sua vida estudantil, mas para a vida de um modo geral.

bell hooks<sup>9</sup> em seu livro “Ensinando o pensamento crítico” (2020), aborda a partir da ideia de uma “pedagogia engajada” a importância da comunidade em sala de aula, onde todos possam construir o conhecimento junto para que assim o ambiente escolar também se torne um espaço onde os alunos possam partilhar seus pensamentos acerca do que está sendo ensinado para eles. A autora ressalta sobre a importância do diálogo e da escuta atenta sobre os estudantes e da importância em relação ao tempo de fala de cada aluno. Nos diz que este tempo não deve ser julgado e sim aberto, pois o tempo de fala muito grande não significa que este aluno saiba mais em relação aos outros, assim como quem fala pouco ou não dialoga saiba menos (hooks, 2020).

É fortalecida também a ideia de que quando estamos em um ambiente onde possamos trocar conhecimento e compartilhar histórias, nos permitimos descobrir que podemos ser frágeis. Sendo assim, a sala de aula deveria ter estas características, sendo um lugar para os alunos descobrirem suas fragilidades e dialogarem sobre isso. Entendi que uma “pedagogia engajada” (hooks, 2020) tem a ver com descobrir meios para que os alunos desenvolvam um pensamento independente e não tenham receio de libertar sua voz.

A escrita em aula também ganha foco no pensamento de hooks (2020). Ela ressalta a importância de construir junto com os alunos, um momento em que eles possam escrever sobre o que está sendo ensinado e o que estão aprendendo, bem como sugere a escuta dos escritos para que se acostumem a escutar uns aos outros. No “Vivências” tínhamos um diário coletivo e neste diário todo mundo era livre para colocar suas impressões das oficinas ou algum texto que achasse interessante. Cada semana alguém era responsável por levar para casa e trazer na semana seguinte.

---

<sup>9</sup> O sobrenome da autora é escrito com a letra minúscula e é uma militância da própria autora. Segundo bell hooks ela acreditava que o foco deveria ser no conteúdo dos seus trabalhos e não nela mesma, pois para ela os nomes e títulos não são mais importantes do que as nossas ideias. Disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>

Esse momento de escrita era bem interessante pois a grande maioria se soltava e alguns até gostavam de ler para o grupo.

Em uma “pedagogia engajada” (2020) o professor não assume mais o papel central para potencializar a cooperação, em que todos se ajudam para garantir o aprendizado dos envolvidos. Neste contexto, o professor também aprende junto com os alunos construindo maneiras de melhorar suas aulas, dando foco para a construção em comunidade.

Acredito que os projetos de extensão têm o papel de transformar vidas, digo isto por experiência própria. Creio que eles são importantes para vincular a universidade à comunidade, periferia, trazendo para os acadêmicos, uma nova perspectiva e instigar o pensamento crítico em sala de aula. Quando eu participava do projeto “Quilombo das Artes” me sentia muito à vontade nas aulas de teatro, tanto para realizar as atividades quanto para dialogar com os meus professores. Penso que era isso que me instigava a querer continuar no projeto, pois existia um interesse pela nossa realidade, nossos desejos, projetos e sonhos. Durante o tempo que passei sendo oficina, acredito que eu pude voltar no tempo para reafirmar para mim mesma o quanto estes projetos têm valor. Considero que pude de alguma forma colocar em prática parte da experiência que tive antes de me tornar universitária.



## 5. DA COMUNIDADE À UNIVERSIDADE - UMA HISTÓRIA MARCADA PELA EXTENSÃO

Quando escrevo nesta pesquisa sobre minha trajetória percebo que ainda na infância, pude através de um projeto de extensão, conhecer novas possibilidades de seguir minha vida. Quando me perguntam o que eu seria se não tivesse conhecido o projeto “Quilombo”, eu simplesmente não sei responder. Às vezes até eu mesma me faço esta pergunta. Fazendo teatro descobri que quero ser professora, criadora, artista.

Estes dois universos que conheci com a extensão universitária como aluna/professora foi e tem sido muito importante para a minha trajetória acadêmica, pois me fez pensar sobre a docência e seus desafios, questões que eu não percebia sendo aluna. Olhando para as minhas experiências, observo que na maioria das vezes as escolas que ministrei oficinas não tinham o ensino de teatro no seu currículo, sendo assim, eu precisava introduzir aos poucos a linguagem teatral aos alunos para alcançar os objetivos propostos. Segundo o Figueredo (2015):

Estar atento às proposições nos modos de criação teatral é fundamental para a instauração do teatro na escola, haja vista a ausência do mesmo em nossas escolas brasileiras. Tenho apostado que o professor de teatro atua nas esferas de aprendizagem tanto artística quanto pedagógica e que, passando pela docência e criação cênica, conquiste habilidades nessas áreas para que, quando inserido no processo teatral escolar, tenha embasamento para construir, junto dos educandos, propostas significativas no espaço escolar, ampliando o repertório cultural e o conhecimento teatral dos educandos. (Figueredo, 2015, p. 145).

As experiências que os projetos de extensão nos proporcionam nos faz amadurecer enquanto docentes, nos dá a oportunidade de levar todo o conhecimento que adquirimos no universo acadêmico para pessoas que muitas vezes não tem o mesmo acesso que nós temos. Para mim são projetos extremamente necessários, pois adquirimos experiências que podemos levar não só para a vida profissional, mas pessoal também.

Hoje em sala de aula quando estou no papel de professora, seja nos estágios do curso ou em algum projeto, sempre penso em alguma maneira de deixar os alunos

mais autônomos de forma que usem sua criatividade e expressem suas opiniões. Acredito que quando estamos aprendendo a prática teatral é muito importante que os alunos exercitem suas opiniões, questionem e façam perguntas, como vivenciei no projeto “Quilombo das Artes”.

Creio que a aula de teatro colabora para esta construção, é o momento de testar novas formas de se expressar, de fazer, de criar. Lembro que no projeto “Quilombo” com o passar do tempo, o grupo foi ficando mais autônomo, tinham momentos que nós éramos responsáveis pelas criações, nós escolhíamos o texto, os personagens.

Eu, enquanto professora em formação, acredito que criar um ambiente onde os alunos possam expressar suas opiniões é muito importante. Acredito que quando os alunos são estimulados a pensar, a refletir e a falar, o conhecimento se constrói de uma forma leve e educativa. Participando do PIBID, e especialmente do “Vivências teatrais em escola” durante a graduação, percebi que as aulas de teatro são um dos únicos momentos em que os alunos se sentem à vontade de expor seus pensamentos e opiniões sobre o meio em que vivem e sobre suas realidades. Assim como é uma rica oportunidade na escola em que são livres para se expressarem artisticamente.

A aula de teatro, é um dos momentos em que podemos e devemos estimular o pensamento crítico através da prática e do diálogo. Vejo como um espaço de testar várias possibilidades de aprendizado. Hoje já na vida adulta olho para minha trajetória e percebo o quanto se faz necessário a universidade e a comunidade construírem uma relação, dialogarem. Percebo, depois que participei destes projetos, que quando a comunidade acadêmica estabelece uma relação de troca com as demais comunidades, nossa formação ganha uma nova dimensão.

Comoicineira no “Vivências teatrais”, percebi a importância desta relação na prática. Através deste projeto, pude conhecer a cidade de Pedro Osório, mas para mim não foi só isso; através desta troca pude conhecer outros costumes, histórias de pessoas, tive a oportunidade de aperfeiçoar minha prática enquanto professora em formação. É uma experiência que não tem como apagar da memória, pois eu não fui só ensinar teatro para crianças em outra cidade, eu fui aprender.

Escrevendo este trabalho percebi que a extensão esteve presente durante toda a minha vida acadêmica, desde o início do curso. Todo o semestre eu estava envolvida em algum projeto e a grande maioria foram projetos com esta finalidade. Me percebo hoje mais consciente da profissão que escolhi. Logo no início da graduação

eu tinham muito medo de me imaginar como uma futura professora, não sabia ao certo se realmente era esta profissão que queria, mas tinha certeza de que queria estar no teatro. Ter tido uma experiência antes de começar os estágios obrigatórios do curso foi libertador e muito importante para o meu crescimento. O que me norteou e me mostrou a realidade escolar foram os projetos de extensão. Pensando sobre isso reflito com as palavras de Figueiredo (2015) que diz que:

Justifico desse modo, a importância do licenciando estar imerso no seu campo de trabalho desde sua escolha por essa habilitação no curso de graduação (que na graduação em Teatro da EBA/UFMG ocorre no terceiro período, em um curso de oito semestres) e parto da premissa de que é na escola, produzida pelos sujeitos em suas múltiplas interações no cotidiano, que de fato, temos um aprendizado do que é ser professor. Essa constatação é também evidenciada por Maria do Céu Roldão (2007) que aponta importância da imersão do futuro professor na escola, em uma parceria entre a escola e a universidade para a formação docente. (Figueiredo, 2015, p. 142).

A escrita deste trabalho foi muito importante para que eu pudesse enxergar também o quanto de conhecimento eu adquiri durante estes anos na graduação. Percebo que não sou a mesma aluna do início do curso e, em relação à docência, me sinto mais autônoma para decidir o que quero desenvolver com as escolas que futuramente posso estar. Acredito que as experiências que tive nos projetos que participei na graduação, sobretudo os de extensão, mostraram-me o quanto cursar uma licenciatura é desafiador e o tipo de professora quero ser.

Entretanto, quero ressaltar mais uma vez sobre a importância da extensão universitária, que é o foco central desta narrativa e sobre a importância dela nos bairros de periferia, como o bairro Navegantes. Esta escrevivência só se construiu a partir de minha trajetória e da minha relação desde a infância até a vida adulta com a universidade. Foi a partir desta relação que pude ter contato com os projetos de extensão. Um contato que aos poucos foi ficando mais íntimo e, conseqüentemente, me levou para caminhos que eu não poderia imaginar. Diante de tudo que vivenciei, percebo a transformação social que a extensão universitária promove. Silva ressaltava isso ao dizer que:

Segundo documentos normativos, a extensão deve consistir em um: “processo educativo cultural e científico que articula ao Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade “(POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO, 2012, p.15). Nesta perspectiva, a extensão é capaz de auxiliar transformações de panoramas de processos educativos a partir da interação entre professores, estudantes e sociedade, baseado na visão crítica e no intercâmbio de conhecimentos. Desta forma, fomenta

a atitude dialógica e a horizontalidade do educador nas relações com a comunidade, incentivando o desenvolvimento local e sua articulação social (Silva, 2021, p. 172).

Retomando... A primeira vez que participei de uma aula do “Quilombo das Artes” ainda não tinha dimensão dos lugares que ele poderia me levar, tampouco que eu iria por causa deste projeto, acabar escolhendo cursar teatro e trabalhar com isso. E é isso que eu quis mostrar nesta narrativa, mostrar o quanto é importante a valorização destes projetos nos espaços acadêmicos e que devemos sempre de alguma forma, seja em um projeto de extensão ou não, abrir as nossas portas e convidar a comunidade a entrar, dividir o conhecimento, partilhar informação e mostrar que a universidade não precisa ser somente formada por pessoas que tiveram mais oportunidades e que são brancas. Este lugar também é das pessoas da periferia!

Com este trabalho, eu pude reconhecer a minha narrativa como objeto de pesquisa, foi uma experiência nostálgica que me fez enxergar o quanto de experiências trazemos e o quanto adquirimos na graduação e que são valiosas e que às vezes deixamos passar. Cabe a nós fazermos este resgate, ou simplesmente parar e pensar: O que eu aprendi durante a minha vida acadêmica que foi importante para mim?

Os projetos que participei foram e ainda são muito importantes para mim. Foi graças a eles que pude desenvolver e descobrir minhas potencialidades como professora. Foi através deles que conheci a universidade e descobri a profissão que queria seguir, tanto os projetos quanto os estágios do curso me prepararam de alguma forma para a vida docente.

Tanto a escrita, quanto as experiências relatadas nesse trabalho contribuíram para que eu pudesse observar como a prática teatral acontece nas escolas, e que sempre de alguma forma temos que afirmar nossa profissão como necessária para a formação integral dos alunos. Observo também, que a extensão universitária me tornou uma professora em formação mais crítica e sensível. Ter tido contato ainda na infância com o teatro foi muito fundamental para a professora, artista e pesquisadora que me constituo dia a dia.

## Referências

ALMEIDA, Silva. **O que é racismo estrutural?** Belo horizonte (MG): Letramento, 2018.

BRASIL, MEC/CNE/CES. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e daí outras providências. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808)  
Acesso em: 26 set. 2024

hooks. Bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante, 2020.

DELORY-MOMBERGER. Chistine. **Biografia e educação: Figuras do indivíduo – projeto.** 2. ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

DUARTE. Constância Lima. NUNES Isabela Rosado. **Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIGUEREDO, de Ricardo Carvalho. A aprendizagem da docência em teatro através da participação em um projeto de Extensão Universitária. **Revista a aprendizagem**, v.2, n.2, p. 138-153, jun. 2015.

POMPEO. Marcia Nogueira. **Teatro com meninos e meninas de rua: nos caminhos do grupo Ventoforte.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

ROCHA, Heloisa Helena Campelo Rodrigues. **A extensão universitária Como política pública e o papel da UFPel junto à comunidade: O programa Vizinhança.** 21º Congresso de iniciação científica/ 4ª Mostra científica/ Universidade Federal de Pelotas, 2012.

SILVA. Anita. C. T. F. Mediação da ação teatral via extensão universitária: posturas e procedimentos do artista educador. **Revista Kiri – Kerê**, n 7, p.170 -185, nov 2021.